

**Ferramenta Nova na Oficina da História?  
Os usos do computador na pesquisa histórica**

**Daiana de Souza Andrade\***

**Resumo**

Eletroeletrônico essencial na vida moderna, o computador está presente em vários momentos do cotidiano. Baixar músicas, digitalizar fotografias, conectar-se na internet, editar um texto ou uma planilha, assistir um filme são algumas dentre as várias as atividades que podem ser realizadas no computador. No campo dos estudos históricos o uso do computador veio associado a noção de fonte serial e a própria revolução documental dos anos 1960. Nesse sentido o uso do computador em pesquisas históricas veio a se consolidar como ferramenta facilitadora das fases heurísticas da pesquisa, mudando certos procedimentos práticos e tornando-se uma peça fundamental para a organização das fontes Históricas.

Assim, o projeto “Imagens Contemporâneas: Práticas Fotográficas e os Sentidos da História na Imprensa Ilustrada (Brasil, 1930-1970)”, no qual me insiro, procura utilizar esse recurso de forma sistemática. Este texto tem como objetivo: abordar os usos desses recursos ressaltando a importância da informática para o trabalho histórico atual

**Palavras-chave:** História, computador e pesquisa.

**Abstract**

An essential electroelectronic in modern life, computer is present in many moments of our day. Download musics, make photos get digital, get internet, edit a text or a spreadsheet, watch a movie, are among many others activities that a computer can realize. In historical studies the uses of the computer has been spread since the consolidation of serial history, as an evidence of the documentary revolutionary of the sixties. For history the computer became an important tool for facilitating the procedures of investigation and the organization of historical data.

---

\* Universidade Federal Fluminense, Graduanda do Curso de História, bolsista de iniciação científica PIBIC/UFF.

“Contemporary Images Project: Photographic Practices and History’s Sense in Illustrated Printing (Brazil, 1930-1970)”, that I’m inside, seeks to use this resource in a systematic way. The main purpose of this paper is to emphasize the importance of the computer science to the present historical work..

**Key Words:** History, computer and research.

Esse texto trata de como a oficina da história incorporou o computador ferramenta, destacando seus diversos usos para a pesquisa, indicando como de objeto utilitário dos procedimentos técnicos o computador transformou-se em objeto e problema de pesquisa e tentando entender como a identidade do historiador muda diante do uso desses avanços tecnológicos. Sobre as pesquisas utilizando o computador com centralidade nas fases heurísticas, apresentarei as iniciativas do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense.

### A oficina da história

A prática do historiador configura-se num saber fazer. Nas várias discussões sobre essa profissão esse trabalho foi caracterizado como um ofício, no qual o pesquisador pensa suas questões e seu objeto segundo as indagações e questões do presente. A partir daí desenvolve seu tema, procura uma bibliografia e um leque de fontes, preferencialmente diversificadas, que o oriente para a problematização e a formulação de hipóteses verificadas ou negadas – e assim adaptadas – na análise e no confronto das fontes. Com isso e ao longo dos meses em que a pesquisa desenvolve-se de acordo com o projeto, as fases heurísticas sucedem-se dando inteligibilidade as questões que normalmente transformam-se num produto final, o qual é um texto escrito. Nas palavras de Francisco Falcon refletindo sobre a identidade do historiador:

*“(...) um certo tipo de profissional especializado – o historiador – praticante de um ofício intelectual que consiste em saber produzir um tipo específico de conhecimento – o conhecimento histórico – o qual se materializa, inevitavelmente, em forma de um texto/discurso reconhecido como de História pelos demais praticantes do ofício” (FALCON, 1996: 13)*

Mas essa visão do trabalho histórico não foi sempre dessa forma, com a crítica feita por Marc Bloch e Lucien Febvre nos anos 1920 à escola metódica e a uma história tradicional,

baseada nos grandes feitos dos homens ilustres e fortemente centrada na história política, houve uma renovação historiográfica, alguns inclusive chamam de revolução, que se tornou um ponto de referência para os estudos da maioria dos historiadores atualmente.

Com a escola dos Annales e suas posteriores correntes ao lado de um marxismo inglês integrado as questões culturais, a pesquisa histórica ficou mais complexa, não bastava ir aos arquivos e compilar todas as verdades que as fontes continham, como se pensava anteriormente. Os problemas colocados pelo historiador postulavam as perguntas que ele faria aos documentos que não seriam só escritos e da administração pública, mas também iconográficos, orais, materiais, de trabalhadores rurais, de minorias, de grupos marginalizados; isso demandava uma metodologia e procedimentos de análise diferentes dos que eram utilizados.

Os novos problemas e abordagens como a história do cotidiano, ou antes, a história vista de baixo, a história dos vencidos, a história quantitativa ou serial, mais recentemente a história oral abriram caminho a práticas analíticas mais profundas e complicadas de analisar. A essas práticas a computação abriu caminhos que facilitaram imensamente o trabalho de comparação, de compor e pensar tabelas, de fazer cálculos, entre outros procedimentos possíveis. Peter Burke aponta para essas vantagens em relação ao estudo da demografia histórica:

*“Nem seria preciso dizer que o surgimento do computador pessoal contribuiu de forma significativa para que os historiadores passassem a utilizar métodos quantitativos, libertando-os da necessidade de perfurar cartões, consultar programadores, etc.” (BURKE, 2002: 54-55)*

Entender como o computador chegou ao formato atual e de que forma foi usado pelos historiadores requer voltar a guerra fria e aos avanços científicos e tecnológicos feitos durante o século XX.

### **História e Computação**

“Moore, como Shockley, Teal, Kilby, Hoff e um bando de outros físicos especializados em semicondutores trabalhavam em uma região do Vale do Silício, na Califórnia, que até bem pouco tempo antes havia abrigado pomares – uma área que começava a se destacar em um novo mapa global de comunicações, tão importante quanto a Torre Eiffel, a Broadcasting House de Londres, a Bell Laboratories ou – mais perto de casa – Hollywood.

De suma importância na história das comunicações foi o fato de os novos negócios – mais inovadores, de estrutura menos informal, menos “de cima para baixo” e menos hierarquizado que os outros – apontarem o caminho a ser seguido na área financeiramente arriscada de desenvolvimento de computadores, um setor mais lento na procura do que na oferta.”(BRIGGS & BURKE, 2004: 286)

A citação informa o centro de origem, produção e desenvolvimento da informática, ao mesmo tempo, mostra como o movimento apesar de atrelado a uma política militar num mundo em Guerra Fria, constituía-se basicamente de jovens fascinados pela computação experimentando, com restos de sucata, formas de fazê-la chegar a grupos mais amplos que os militares, pensando na sua utilidade principalmente a educação, e a setores empresariais.

O computador surge nos anos 1940 e de lá pra cá ele muda muito, quando a citação fala da lentidão na procura em relação à oferta também quer dizer que as empresas tiveram que criar formas de fazer com que as pessoas quisessem ter um deles em casa. É mais fácil compreender essa afirmação se contarmos de forma resumida como o computador se desenvolveu, essa história compreende quatro fases.

A primeira seria uma fase militar, quando o aparelho ocupava um espaço enorme, funcionava por válvulas e era quase que exclusivamente para fazer cálculos, no início não havia interface para o usuário. A partir dos anos 1950 veio a fase da miniaturização, a qual só foi possível devido à invenção dos chips e dos circuitos integrados que diminuíram consideravelmente o tamanho dos aparelhos, ainda assim o computador era um aparelho para especialista, a cada ligação ele tinha que ser programado. Nos anos 1970 e 80 a usabilidade ditou o rumo, o importante era adequar o computador ao usuário para vendê-lo. É a partir desse momento que uma interface começa a ser pensada de forma efetiva. Por fim chegamos ao momento atual, chamado por alguns de imersão, onde o computador tem os mais variados usos, é considerado um dispositivo de sociabilidade, está em rede conectado a internet.

Nessa rápida exposição percebemos que o computador está ligado aos avanços tecnológicos da segunda metade do século XX produzidos pela interseção entre a microeletrônica, a computação e as telecomunicações que permitiram a invenção de componentes necessários à evolução dessa máquina, como aponta Ângela Maria Barreto:

“Vários acontecimentos históricos na área da ciência e da tecnologia a engendraram: 1947, o transistor possibilitou o processamento de impulsos elétricos; 1951, a invenção do transistor de junção; 1954, o uso do silício na fabricação de materiais; 1957, o aparecimento do circuito integrado; 1990, os circuitos a base de silício e transformação do processamento e armazenamento de dados centralizados em sistema compartilhado: as redes, o que provoca mudanças não apenas na

tecnologia, mas nas interações sociais e organizacionais; e 1995, ocorre a privatização da Internet e, com ela surgem novas formas de comunicação e trocas de experiências.” (BARRETO, 2005: 116-117)

Também a oficina da história utiliza em suas práticas heurísticas esse instrumento, seja para edição de textos, planilhas, apresentações de slides, ou para consultar revistas científicas *on line*, catálogos de bibliotecas e [arquivos-arquivos.](#) ~~Cada vez mais assistimos nas conferências, seminários, congressos e encontros o uso do *data show* para facilitar a exposição dos apresentadores, que colocam o desenvolvimento do seu texto escrito numa outra lógica usando esquemas, imagens e palavras-chaves na confecção de uma apresentação de Power Point.~~

Se usando os processadores de texto, os editores de planilha e os bancos de dados o historiador recompila, organiza, analisa e faz a crítica as fontes, é na internet que ele levanta bibliografia. Já de forma natural o pesquisador entra no Google<sup>1</sup> para procurar textos que o auxiliem, outros sites mais voltados para o mundo acadêmico também são permanentemente acessados como o Scielo<sup>2</sup> e o Portal Capes<sup>3</sup>. Os dois sites são mantidos por agências fomentadoras da pesquisa e têm um grande número de periódicos com textos integrais, facilitando a divulgação das pesquisas dos historiadores, além de outros cientistas, de todas as áreas do país, disseminando a informação. ~~um dos princípios da Web 2.0.~~

Outro modo de divulgação de eventos, pesquisas, lançamentos de livros, chamadas para artigos são as newsletters e os grupos. A primeira localiza os usuários cadastrados nos sites como o do Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) ou o informativo da Associação Brasileira de História Oral e manda e-mails padronizados com as informações que visa divulgar. Os grupos seguem a mesma lógica, o envio de e-mails, mas é necessário um portal como o Grupos.com

<sup>1</sup> Site de pesquisas na internet, um dos maiores do mundo, muito utilizado no Brasil. Seu endereço é [www.google.com.br](http://www.google.com.br)

<sup>2</sup> SciELO - Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica em Linha) é um modelo para a publicação eletrônica cooperativa de periódicos científicos na Internet. Especialmente desenvolvido para responder às necessidades da comunicação científica nos países em desenvolvimento e particularmente na América Latina e Caribe, o modelo proporciona uma solução eficiente para assegurar a visibilidade e o acesso universal a sua literatura científica, contribuindo para a superação do fenômeno conhecido como 'ciência perdida'. O Modelo SciELO contém ainda procedimentos integrados para medir o uso e o impacto dos periódicos científicos. Seu endereço é [www.scielo.br](http://www.scielo.br)

<sup>3</sup> O portal de acesso livre da CAPES disponibiliza periódicos com textos completos, bases de dados referenciais com resumos, patentes, teses e dissertações, estatísticas e outras publicações de acesso gratuito na Internet selecionados pelo nível acadêmico, mantidos por importantes instituições científicas e profissionais e por organismos governamentais e internacionais. Seu endereço é [www.portalcapes.br](http://www.portalcapes.br)

ou o Yahoo Groups, esses portais criam um e-mail comum que contem nele todos os endereços eletrônicos dessa comunidade de pessoas com um tema em comum.

Quanto ao levantamento de fontes nos arquivos e bibliotecas, no Brasil muitas instituições já estão informatizadas e fornecem a consulta *on line*, como a Biblioteca Nacional. Mas existem meios de adquirir fontes na internet, um exemplo disso é o projeto norte americano Latin American Microform Project (LAMP) no Center for Research Libraries (CRL), patrocinado pela Fundação Andrew W. Mellon para produzir imagens digitais de séries de publicações emitidas pelo Poder Executivo do Governo do Brasil entre 1821 e 1993, e pelos governos das províncias desde as mais antigas disponíveis para cada província até o fim do Império em 1889.

O Laboratório de História Oral e Imagem<sup>4</sup> da Área de História da Universidade Federal Fluminense utiliza os recursos da informática no tratamento das entrevistas com o programa *Audacity*, um editor de áudio digital; para a produção de linguagens videográficas utiliza o programa *Adobe Premiere*, que cria e compartilha filmes, ressaltando que nessa área a ilha de edição é muito importante para dar estrutura as pesquisas. Além de usar bancos de dados para catalogação das entrevistas dos diversos projetos desenvolvidos no laboratório<sup>5</sup>.

A importância da informática para os procedimentos práticos da pesquisa histórica não pode ser negada, mas os aspectos teórico-metodológicos que amparam essa utilização devem ser investigados, afinal nenhum meio é neutro ou inocente, nas palavras de Luciano Figueiredo: “As opções de programas, as hierarquizações temáticas e todo um conjunto de determinações seletivas adotadas ao longo da pesquisa dissimulada em programas e bases de dados não constituem atos sem implicações teóricas e metodológicas.” (FIGUEIREDO, 1997: 421).

### Bibliografia

BARRETO, Angela Maria. *Informação e conhecimento na era digital*. Transinformação, Campinas, 17 (2): p. 111-122, maio/agosto, 2005.

BRIGGS, Asa e BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: de Gutenberg a Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

<sup>4</sup> LABHOI – site: [www.historia.uff.br/labhoi](http://www.historia.uff.br/labhoi)

<sup>5</sup> Colaboração de Assis da Silva Gonçalves sobre as atividades do LABHOI.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

\_\_\_\_\_. *História e Teoria Social*. São Paulo: Editora UNESP, 2002

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FALCON, Francisco J.C. *A identidade do historiador*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, v.9, n.º.17, 1996, p.7-30.

Formatado: Fonte: Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm